

MODA E COMUNICAÇÃO EM NARRATIVA PATRIMONIAL.

ESTUDO DE CASO I.

RAFAELA NOROGRANDO

*Universidade de Aveiro, ID+ Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura, FCT.
norogrando@hotmail.com*

Resumo: *Este artigo apresenta trabalho de investigação doutoral sobre exposições museológicas no universo das instituições que salvaguardam objetos de design de moda e/ou de indumentária. Com enfoque sobre aqueles que institucionalmente posicionam-se por esta temática é referido aqui um dos estudos de caso abordado, o Museu Nacional do Traje (PT). Com base em metodologia diversificada, referências bibliográficas, pesquisa etnográfica, análises qualitativas e entrevistas, expõe-se duas maneiras de interação de um acervo patrimonial com o público em geral: salas de exposição e website institucional. Tem como objetivo verificar os recursos e conexões adotados para comunicar a cultura material indumentária, e ainda, as possibilidades destas práticas para sua promoção e integração no contexto contemporâneo.*

Palavras chave: *cultura material, indumentária, museu, design, exposição, website.*

1. Abordagem: objeto, metodologia, problemática e hipóteses.

O presente artigo integra o texto de elaboração de tese de doutoramento em design, o qual debruça-se sobre o contexto museológico na temática de traje/moda. Segue com orientação de João A. Mota (Universidade de Aveiro), coorientação de Nuno Porto (Museum of Anthropology at the British Columbia University) e financiamento da Fundação para Ciência e Tecnologia¹.

O objeto de estudo constitui-se por exposições museológicas e *websites* dos museus. A análise centra-se nas narrativas, experiências e conexões baseadas em produtos de design produzidos no âmbito da indumentária, sob o propósito de identificar os modelos expositivos mais relevantes na valorização desses objetos, na prestação de informação pública sobre eles, e sobre o universo social que lhe está associado.

O tema a ser tratado apresenta uma complexidade que somente uma área não é capaz de explorar, assim, utiliza-se referencial teórico de diferentes disciplinas: Design, Teoria da Moda, Comunicação, Sociologia, Antropologia e Museologia. Como foco, as abordagens relacionadas com curadoria, exposição (presencial e virtual), narrativas da cultura material e estudos de caso direcionados a exposições ou parcerias interinstitucionais (ou mesmo, comunidades, ou grupo de indivíduos externos às instituições museológicas). Para além do referencial bibliográfico, a metodologia de pesquisa apoia-se também em estudo etnográfico, entrevistas e avaliações qualitativas.

Ao todo são abordadas quatro instituições como estudos de caso centrais: Museu Nacional do Traje e Museu do Design e da Moda, ambos em Lisboa, *Museu del Traje-Centro de Investigación del Patrimonio Etnológico*, em Madrid, e, *Victoria and Albert Museum*, em Londres. Além desses, outros museus entram como casos comparativos do contexto internacional. Aqui trataremos, de maneira sucinta, apenas do caso I abordado na investigação: Museu Nacional do Traje (MNT).

A primeira pesquisa de campo ao museu ocorreu em Julho de 2010. Este trabalho de investigação foi realizado com a concordância da instituição em parceria com a Universidade de Coimbra, por motivo de investigação de mestrado em antropologia social e cultural. Graças a uma profunda inserção e coleta de informação, bem como a baixa rotatividade expositiva do museu, foi possível, já com o material recolhido nessa primeira fase, avançar com esta pesquisa em específico. Posteriormente fez-se mais duas visitas de investigação, uma em Janeiro de 2010, para a verificação de dados, e outra em Dezembro de 2011 para a complementação de informações referentes ao contexto expositivo. Nesta altura foram feitos novos registos fotográficos e notas de campo, tendo principalmente em consideração que alguns espaços já haviam sofrido remodelações e estavam novamente abertos ao público.

Realizou-se também pesquisa analítica ao *website* institucional em 19 e 20 de Novembro de 2011 e de 22 a 27 de Março de 2012. Os critérios de avaliação baseiam-se em estrutura, usabilidade, organização e, principalmente, conteúdo, grau de interatividade e atratividade para estimular um interesse, ou curiosidade, pelo museu e suas exposições. Estas linhas qualitativas de análise seguem os parâmetros mencionados no website Avelar e Duarte² com base nas diretrizes de usabilidade do *Massachusetts Institute of Technology*, entre outras referências secundárias.

Duas hipóteses orientam a abordagem a essas instituições e suas atividades expositivas:

A noção de que as exposições de artefatos de traje podem ser inovadoras em relação às exposições de outros objetos: a roupa consiste de movimento, toque, usabilidade. E a noção de que o potencial de ensino e difusão com uma cultura de design, no contexto português, é um campo relevante à visibilidade pública da indústria da moda em Portugal.

Para a exposição de objetos patrimoniais tem-se como regra de conservação diversos cuidados estabelecidos para sua salvaguarda, os quais, afastam a narrativa e experiência percebida daquela que é compreendida por experiência vivida. Não existe criação de moda sem a dimensão sensorial: o toque, e a sensação do corpo junto do objeto (Frisa 2008; Palmer 2008), no entanto, são de improvável restituição em exposições museológicas, que pouco proporcionam desta experiência e apreciação do objeto de maneira que ele possa ser entendido (Anderson 2000; Greenberg, Ferguson, and Nairne 1996; Parezo 2007) por seus diferentes públicos. Como também faltam conexões entre as instituições e suas comunidades, e aqui referimo-nos especificamente ao cenário português.

A relação da moda e do sujeito na atualidade, cada qual com suas subjetividades e complexidades, é formada por diversas ligações interdisciplinares, e mesmo mutáveis e inconstantes, plausíveis ao contexto cibernético contemporâneo. Moda e museu sobrevivem de matéria sagrada, de objetos munidos de simbolismo, e ambos, alimentam-se desse para ativarem sua existência. O museu sacraliza os objetos quando tira-os do circuito econômico. A moda, munida de artifícios como griffe (marca) e de sua permanente dinâmica interna de sucessão de novidades e distinção, ao que Bourdieu atribuiu como seu próprio motor (1974), também sacraliza os objetos. Entretanto a moda não os retira do circuito econômico, pelo contrário, esses são polarizados e a eles é dado outro significado em sua natureza social (Bourdieu 1974). Todavia, os museus de traje/moda – conforme investigação anterior (Norogrande, 2011a) – adotam como critério de patrimonialização os simbolismos utilizados pela moda, ao que Bourdieu chamaria de ciclo de consagração.

Esse é um dos pontos em que Moda e Museu mais se conjugam, entretanto é pela dicotomia de um contexto e outro que curadores se debatem, pois uma exposição museológica impõe desafios para os que buscam aproximar as experiências e percepções de um contexto para as exigências do outro. Como já afirmou-se anteriormente, e destacou-se como problemática, é intrínseco à moda a relação com o corpo. Isso significa um contexto onde é crucial sentir a plasticidade do objeto por sua textura, em contato com a pele, e o movimento desse, dado o fato que o objeto não está somente em contato, mas reveste um corpo vivo. E ainda, esta dimensão sensorial não está somente no momento do uso do objeto, mas também em sua conceção, nos processos e técnicas utilizadas para o desenvolvimento projetual com foco em seu

² <http://www.avellareduarte.com.br/>. Acesso em 28/03/2012.

usuário de maneira física e psicossocial. E ainda, é nessa relação psíquica do sujeito frente a sociedade que valores imateriais são atribuídos aos objetos e os institui. Estes, cada um com narrativa própria, podem tornarem-se um ícone da história ou singelamente o vínculo de memória identitária de um pequeno grupo.

Deve-se ainda considerar quem são os públicos que se articulariam com a instituição ou com sua coleção. Estes sujeitos muitas vezes estão agrupados pelas atividades que praticam, comunidades em atividade direta com as instituições, ou outros critérios utilizados para generalizá-los, tal como o nível de informação requerida, ou o tempo que dedicam à uma exposição (Dean, 1994). Conforme afirma Chagas (2009), a preservação de um patrimônio e o reconhecimento deste como tal só é possível se compartilhado entre todos que estão envolvidos nessa prática social de emitir e receber discursos, em uma ação contínua de agregar valores seja de geração em geração ou em uma mesma.

Com a valorização e homologação do patrimônio intangível da humanidade questões relativas a narrativa viva, ganharam atenção e enaltecem outros personagens para a história patrimonial e memória sociocultural. A herança patrimonial passou a ser considerada de maneira mais ativa e somente com esta manifestação poderia ser perpetuada, ou seja, por sua utilização, ação e não em sua estagnação. Desta maneira vemos surgir museus que existem por ação de seus visitantes³, ou melhor, dos agentes narrativos da prática cultural. E, conseqüentemente, a valorização de memória, identidade, e conhecimentos aprendidos pelo ato de compartilhar, bem como, uma conexão mais integrada dessas para com o sujeito e comunidades no contexto museológico.

Os museus estão em transformação perante o corpo social, precisam ser recontextualizados e fortalecidos em sua missão para com a sociedade. Isto já não é novidade, mas é um caminho constante, ao qual a instituição museológica passa a ter consciência de sua posição em contexto fluido de cultura, sociedade, identidade e conseqüente função, conforme defendem diversos estudiosos da área. E, por conseqüência, o inverso também tem seu lugar, onde as comunidades reclamam sua atuação.

Da mesma maneira dá-se a inclusão e análise da instituição como organismo a ser gerido de maneira eficiente e auto-suficiente, como é necessário para sua sobrevivência dado os pouquíssimos recursos disponibilizados por seus tutores legais, como é o caso principalmente de museus subsidiados por governos estatais, tal como o caso que aqui se apresenta. Ou mesmo, o MT-CIPE (Madrid), o *Museo Nacional de la Historia del Traje* (Buenos Aires), e até o *Palais Galliera* (Paris), importante referência na área, que devido a seus recursos tem suas atividades expositivas reduzidas, chegando mesmo a ficar meses fechado ao público, embora mantenha suas outras atividades constantes, conforme verifica-se no website do museu⁴.

Toda e qualquer atividade de uma instituição museológica que venha a atrair expectadores com diferentes interesses e parceiros para a manutenção de atividades e da razão de ser são bem-vindos e por vezes o único recurso que possa efetivamente existir. No entanto, dada a missão institucional dos museus, segundo seu Conselho Internacional (ICOM)⁵, é necessário que sempre haja ética e transparência no seu *habitus* atuante e o não aniquilamento de suas funções primordiais à sujeição de agentes externos, seja instituições particulares ou governamentais, o que coloca, mais uma vez, as instituições em atuações politicamente negociadas e que vão ser, além do acervo, reflexo de seu tempo.

³ Pode-se ampliar o termo visitante para “sujeito patrimonial”, “sujeito em memória”, ou “patrimônio de história de vida ativa”, como exemplifica Semedo (2009) pelo Museu da Luz no sul de Portugal. Ou ainda, pode-se referir, entre outros, o Museu a Céu Aberto do Morro da Providência no Rio de Janeiro ou o Museu da Pessoa em São Paulo, Brasil.

⁴ Museu Galliera «<http://www.paris.fr/loisirs/musees-expos/musee-galliera/p5854>». Acesso em 22/02/2012.

⁵ ICOM «<http://icom.museum/>» | ICOM-PT «<http://www.icom-portugal.org/>»

2. Estudo de caso: Museu Nacional do Traje

2.1 A instituição e seu acervo

O museu foi criado em 1976 e inaugurado ao público em Julho 1977. O nome institucional é *Museu Nacional do Traje – Parque do Monteiro-Mor*. A instituição museológica é composta pelo museu e pelo parque botânico, cada qual com projetos e responsáveis específicos, embora unidos institucionalmente. O MNT está sob a tutela do Instituto dos Museus e da Conservação (IMC), um organismo do Ministério da Cultura – departamento governamental do Estado Português –, e com a direção de Clara Vaz Pinto.

O MNT declara como vocação a sua condição integrada ao ramo das Artes Decorativas e busca assumir uma posição de referência no contexto nacional para o resgate e divulgação da “memória e a contemporaneidade do traje civil e dos têxteis” (website do MNT, acesso em 30/03/2012). A tipologia da coleção patrimonial é essencialmente a indumentária civil composta em sua maioria por traje feminino, além de outros objetos relacionados à vocação do museu. Pode-se ainda destacar a chamada *Coleção Pedagógica*, a qual é composta por reproduções ou peças originais não incorporadas à *Coleção Patrimonial*, e, por este motivo, não indexadas ao Instituto dos Museus e da Conservação (IMC)⁶. Ou ainda, o acervo documental, sejam fotos que acompanham as doações de trajes, ou os livros e revistas que formam a biblioteca especializada do museu.

Como missão para o Museu Nacional do Traje, excluindo-se aqui o que se refere ao Parque, declara que:

“Promove a investigação, a incorporação, a conservação e a divulgação das peças relativas à evolução da indumentária e do têxtil, especialmente na cultura portuguesa, contribuindo para a preservação da memória colectiva.

A sua museografia deve pautar-se por ser didáctica e envolvente de modo a representar um papel de mediador cultural e a potenciar uma melhor compreensão por parte dos públicos”.
(website do MNT, acesso em 30/03/2012).

Na década de 1990 surgiu a proposta de ser incorporada ao museu a Coleção de Moda de Francisco Capelo, colecionador português, a qual acabou por não se realizar e foi dar origem ao Museu do Design e da Moda, em 2009. Entretanto, na altura em que o projeto estava em desenvolvimento, e com perspectivas de realização caso algumas exigências fossem atendidas, o MNT designava-se: “Museu Nacional do Traje e da Moda”.

Atualmente o museu conserva em suas reservas mais de 40.000 peças, do século XVII à atualidade. A formação desta coleção é, maioritariamente, proveniente de doações (mais de 95%).

2.2 Espaço expositivo

Depois de um longo período onde o museu esteve com suas áreas de exposição reduzidas devido a obras e outras atividades, finalmente em meio de 2011 apresenta-se ao público já com alterações. No início do percurso expositivo há um painel com “informações ao visitante” em nome da diretoria onde é possível perceber um pouco da atuação do museu perante o público por seu espaço expositivo. E ainda, suas carências, abordadas por um projeto iniciado em 2010 com recursos financeiros da própria receita do museu.

Pelo projeto em curso para a área expositiva e o seu lento procedimento dado os recursos do plano financeiro conclui-se que a estrutura que se apresenta terá melhorias, mas já está em seu formato narrativo final. O discurso muito provavelmente não será alterado, somente acrescido de traduções e outros pequenos recursos básicos. Atualmente, o quadro de profissionais especializados às necessidades da prática museológica estão reduzidos a um nível insustentável, bem como não há uma massiva atuação de terceirizados. Isso deve-se às políticas dos órgãos que o abarcam. Assim, o MNT apresenta uma exposição

⁶ Informações sobre os critérios de inventário do MNT ver referência: Norogrande (2011a).

permanente, a qual tem uma rotatividade muito pequena, chegando a ter peças expostas por mais de um ano, o que vai contra as necessidades de conservação. Por certo que os profissionais do museu sabem disso, mas não lhes é possível fazer além.

Para a estrutura expositiva é disponibilizado na entrada das salas, um ou mais painéis com um breve texto explicativo a introduzir ao visitante o estilo e período cronológico que as peças pertencem. Esses textos estão somente em Português, mas serão traduzidos para a língua inglesa, francesa, e ainda, mais futuramente, também para o espanhol.

Em toda a exposição são utilizados manequins comerciais semi-rígidos e a narrativa histórica segue cronologicamente com as seguintes nomenclaturas:

1. Estilos Barroco e *Rocaille* (... 1700 à 1789...)
 - 1.1. Traje de corte Feminino
 - 1.2. Traje de corte Masculino
2. Estilo Império (...1796 à 1820...)
3. Estilo Romântico (...1825 à 1865...)
4. Revivalismos e *Belle Époque* (...1870 à 1914...)
5. No interior do Traje (...1850 à 1910...)
6. O traje na intimidade (...1850 à 1910...)
7. *Intervalo - capela do museu*
8. Dos estilos às tendências (...século XX...)
 - 8.1. Traje do século XX (1900 à 1960)
 - 8.2. Traje do século XX (1970 à 2000)

Para além dessa narrativa adotada na exposição histórica, há um projeto de exibição permanente de uma sala de “exposição/depósito”. A proposta é fornecer ao visitante uma visão mais facilitada das estruturas internas de um museu, de como são depositadas (guardadas) as coleções patrimoniais.⁷

2.3 Website

O *website* do MNT, <http://museudotraje.imc-ip.pt/>, está projetado de maneira simples, com base em um menu que permanece visualmente constante durante qualquer consulta, com exceção a abertura de outra janela de pesquisa. Embora tenha a opção para a língua inglesa, esta não abrange todo o site, somente opções de contato com o museu e para cadastro, conforme constatou-se nos períodos de pesquisa.

A estrutura de navegação apresenta dois menus, um disponibilizado em destaque com informações práticas na linha horizontal junto do cabeçalho:

1. Informações úteis: 1.1 Informações úteis
2. Mapa do sítio.
3. Fale connosco [*ficha para enviar uma mensagem breve ao museu*]
4. Registo [*cadastro de pessoa física para receber informações das atividades do museu*]
5. Acesso [*informações fechadas para pessoas com registo, acesso dado por e-mail e senha*]

E o segundo, desmembra-se da seguinte maneira:

1. O que nos move: 1.1. Missão / 1.2. Vocação
2. Destaques [*com exceção às visitas guiadas, aparece exatamente o mesmo que na página de abertura*]
3. Museu e Parque: 3.1. Museu Nacional do Traje / 3.1.1. Fundação / 3.1.2. História
3.2. Parque Botânico do Monteiro-Mor / 3.2.1. Fundação / 3.2.2. História
4. Coleções: [*Introdução e link para o MatrizNet*] / 4.1. Formação e Tipologia
5. Atividades para Todos: 5.1. Serviço de Educação e Mediação
6. Exposições: 6.1. Atuais / 6.1.1. Trajes do Século XIX / 6.1.2. Trajes do Século XX

⁷ Em visita ao museu com professores de instituições portuguesas e brasileiras, em Outubro de 2011, a diretora apresentou a sala e comentou sobre o projeto.

7. Serviços para si: 7.1.Conservação e Restauro / 7.2. Biblioteca / 7.3. Restaurante
8. Loja [com breve texto direciona para o link do IMC - catálogo de 2010/2011]

Na página de abertura o MNT apresenta como destaque as exposições temporárias (no caso uma), a programação de eventos, atividades, visitas guiadas e o acesso à coleção patrimonial. Este é feito por outro site, o MatrizNet, catálogo on-line dos Museus do Ministério da Cultura/IMC. Este site, inaugurado em 2011 no atual formato, apresenta coleções nacionais nas áreas da Etnologia, Arqueologia e Arte de 34 bases de dados em uma pesquisa cruzada com mais de 40.000 bens móveis, sendo 2.215 do MNT. Pode-se fazer a pesquisa de maneira simples (palavra-chave), orientada por museu, tema, autor, exposição ou data, ou ainda, por uma pesquisa mais avançada de refinamento de dados. O menu do site também abre links para “Exposições on-line” e “Normas de Inventário” onde disponibiliza publicações do IMC. É importante mencionar que o MatrizNet também apresenta sua versão na língua inglesa e tem seus conteúdos simultaneamente na Europeia⁸.

3. Sucinta análise sobre a exposição permanente e exposição virtual do MNT

Como foi possível perceber a narrativa da exposição permanente é regimentada por um percurso cronológico, o que vai de encontro com a missão que a instituição se propõe. E ainda, pode-se dizer que até o percurso 6 há uma proposital integração das peças expostas com o espaço arquitetônico original do histórico palácio (figura 1). Após esta seção, as salas seguem literalmente em branco, com uma abordagem visual centrada somente nos módulos expositivos, mas entretanto sem grandes enfoques ou direcionamentos visuais promovidos por um design espacial, de iluminação ou gráfico específicos (figura 2 e 3). Ou mesmo, de áudio, ou vídeo, o que converge a uma percepção de que os períodos mais atuais da moda não são tão explorados no discurso.



Figura 1 e 2: Salas de Exposição, narrativas 1 e 8.1, consecutivamente. **Figura 3:** Vitrinas grandes para objetos, início da narrativa 8.
Fonte: Notas de Campo | Arquivos da Investigação.

Há salas que por seu design expositivo é possível ao visitante circundar os módulos, algumas de maneira induzida (figura 1), outras por entusiasmos dos visitantes (figura 2). Essa dinâmica é rica para a percepção do objeto, pois permite visualizar-se a tridimensionalidade das peças e sua relação com o corpo (manequins), o que, por vezes, também poderia ser conseguido com a utilização de espelhos.

Com relação aos objetos menores, como acontece na maioria das exposições museológicas, e mesmo em vitrinas comerciais de lojas não especializadas, os sapatos estão, maioritariamente, fora do ângulo de visão confortável a um adulto. Expostos em sua posição usual, perdem apelo na narrativa e, conforme o público que os tem em contato, precisam ser ignorados dada a dificuldade de visualização detalhada. Isso acontece com todos os objetos expostos na parte inferior das vitrinas pequenas, conforme verifica-se na figura 2.

Compreende-se que o museu é reflexo de um contexto, e no caso do MNT é possível verificar os investimentos financeiros desta relação diretamente em suas exposições, como também é opinião dos

⁸ Europeia, <http://www.europeana.eu/portal/>, agregador de referência de conteúdos a nível europeu. Há também a versão dedicada exclusivamente ao acervo de traje/moda: <http://www.europeanafashion.eu>.

visitantes no “Livro de Visitas”⁹. No entanto, é necessário relatar que para além dos painéis de introdução ao tema apresentado em cada sala/seção e as indicações básicas sobre cada peça – tipologia, datação, descrição, (doador) e nº de inventário – não é disposto nenhum outro meio de pesquisa, ou cognição. Também não há um catálogo da exposição e a publicação que trata do museu e sua coleção – Roteiro – já está esgotado e sem previsão de nova tiragem, o que é uma perda no processo de comunicação. A exposição está totalmente apoiada nos objetos, mas não os explora para além de sua plasticidade visual – e imediata.

Quanto ao *website* do MNT é relevante verificar sua atratividade e principalmente sua capacidade de estimular o interesse pelas informações. Bem como, visitas às suas salas de exposição e a participação do público em suas atividades. Para tratar disso chama-se a atenção para as imagens apresentadas no site, a considerar uma breve análise comparativa da semiótica adotada em campanhas publicitárias e revistas de moda com base nas orientações de Santaella (2007). Com exceção às fotos do cabeçalho, as demais fotos, e damos destaque às da exposição e das instalações, não são apelativas, ou seja, não possuem conceito, não estão graficamente bem exploradas – seja por ângulos, saturação de cor, ou luminosidade – para atrair o olhar, ou mesmo, instigar uma visitação. E ainda, sobre as “Exposições”, para além de três fotos e um brevíssimo texto, não há mais nenhuma informação, nem registro de exposições anteriores. Aqui fica muito claro o quão pouco o recurso de um *website* é explorado, pois diferente dos espaços presenciais, as salas expositivas do Palácio Pamela-Angeja, neste sítio cibernético seria possível manter diversas exposições ativas para o público.

Outra questão latente na análise ao *website*, é quanto a sua usabilidade. Há uma excessiva utilização de *links* informativos, tal como “Ler mais”, na maioria dos casos é pouco necessário. Da maneira que está projetado o internauta fica a espera da abertura de ínfimas informações, assim, a dinâmica de navegação fica pouco fluída, inclusive porque depois de “Ler mais” é necessário retornar ao início do menu.

Quanto ao acesso ao acervo patrimonial, o MatrizNet foi uma grande conquista no cenário museológico Português. A centralização que o programa faz com a abrangência de pesquisa é enriquecedora, pois com base em uma tipologia de objeto é possível captar informações em diferentes instituições. Todavia algumas análises devem ser levantadas. Em uma busca aleatória ao sistema, pela abordagem ao MNT, apresenta-se na figura 4 a informação sobre um objeto de design de moda na tipologia vestido.

A apresentação do acervo por fichas de inventário causa uma clareza das informações, mas as imagens apresentadas fornecem uma informação visual ainda reduzida – 3 imagens fixas, ampliadas por medida padrão, sem recurso de *zoom* – e o aprofundamento de investigação sobre as peças parece não ter espaço para além de sua descrição. Não há nenhum item que estabeleça a relação imaterial do objeto. Faz-se referência ao doador, mas não são vinculadas informações relativas às histórias do objeto, em realidade, não é dedicado espaço estrutural para este detalhamento de contexto psicossocial, e nem técnico.

Todavia, este recurso transporta o *website* do MNT, de um simples “folheto eletrônico”, para um museu no mundo virtual, onde já é possível aceder a mais informações, o que em sua evolução e abastecimento de dados poderá tornar-se “verdadeiramente interativo”, como seria duplamente classificado pelo estudo de Piacente (1996) sobre museus no ciberespaço. O sistema poderá proporcionar uma busca mais crítica às informações, e mesmo, a utilização do contexto virtual como um recurso para além da visualização de uma realidade material, já conseguida no contato direto com as exposições ou fichas documentais, e assim, usufruir do potencial da hipermídia. O que, paradoxalmente, poderá dar mais tangibilidade aos objetos da cultura material, inclusive a potencializar os diferentes discursos e experiências, além de possibilitar um “contato”, de certa maneira, mais “direto” com o objeto.

Por fim, nota-se nesta ficha que o nome do museu consta como Museu Nacional do Traje e da Moda, mas a busca orientada é feita por Museu Nacional do Traje. Madalena Braz Teixeira (Norogrande 2011a, Anexo 3), diretora do MNT por 25 anos, explica que a alteração do nome institucional com a inclusão da palavra “Moda” foi feita para dar uma arejada à imagem do museu, homenagear a coleção de Francisco Capelo que

⁹ Informações coletadas em julho de 2010 por registro fotográfico do “Livro de Visitas” disponível ao público na época.

seria integrada e comunicar ao público que o museu passava a ter uma outra perspectiva, não somente histórica. Essa breve alteração no posicionamento institucional, que não chegou a ser oficializada, manteve-se em alguns documentos, mesmo em uma plataforma atualizada.

FICHA DE INVENTÁRIO	
Museu:	Museu Nacional do Traje e da Moda
N.º de Inventário:	7629
Supercategoria:	Arte
Categoria:	Traje
Denominação:	Vestido/Feminino
Autor:	Rabanne, Paco
Local de Execução:	Paris (?)
Oficina / Fabricante:	Paco Rabanne
Datação:	1965 d.C.
Matéria:	Napa branca, napa preta.
Dimensões (cm):	altura: 126 cm; largura: Costas: 43 cm;
Descrição:	Vestido de napa branca, formado por tiras de quadrados que encaixam uns nos outros. Decote em bico na frente e quadrado atrás. Alças da mesma napa. A guarnecer a extremidade inferior, tira formada por quadrados idênticos em napa preta. Etiqueta: "Paco Rabanne".
Incorporação:	Doação - Merícia de Lemos



3 imagens

Marcas e Inscrições	Bibliografia	Exposições	Multimédia
---------------------	--------------	------------	------------

Tipo	Descrição	Imagem
Marca	Etiqueta: "Paco Rabanne".	Imagem não disponível

Marcas e Inscrições	Bibliografia	Exposições	Multimédia
---------------------	--------------	------------	------------

Bibliografia	
CATÁLOGO EXPOSIÇÃO - A Moda do Século, 1900-2000. Lisboa: Museu Nacional do Traje, 2000, pág. 172	
MUSEU NACIONAL TRAJE - Roteiro. Lisboa: PM, 2005, pág. 106	

Marcas e Inscrições	Bibliografia	Exposições	Multimédia
---------------------	--------------	------------	------------

Título	Local	Data Início	Encerramento	N.º Catálogo
Uma Viagem ao Século XX	Centro Cultural de Belém, Lisboa	1998		
A Moda do Século, 1900-2000	Museu Nacional do Traje, Lisboa	2000-07-26	2004-05	
Expo: Festival dos 100 Dias: "Uma Viagem ao Século XX"	Centro Cultural de Belém, Lisboa	1998		

Marcas e Inscrições	Bibliografia	Exposições	Multimédia
---------------------	--------------	------------	------------

Tipo	Descrição	Imagem
Imagem	Número de inventário: IFN 11182 Autor: José Pessoa Localização: DOF	
Imagem	Número de inventário: 7629por Autor: Maria Trigo Localização: Museu	
Imagem	Número de inventário: 7629e Autor: Localização: Museu	



Figura 4: Ficha de inventário MNT7629, vestido de Paco Rabane, 1965. Na direita, imagem 1 ampliada.
Fonte: MatrizNet, Acesso 27/03/2012.

Com a não inclusão desses objetos do colecionador à sua Coleção Patrimonial, o museu abandona a "Moda", em clara demonstração de que sem essas "peças ícones" não poderia alterar sua perspectiva. No entanto, embora o museu não possua uma totalidade de objetos que possam representar a Alta-Costura, ele integra peças de estilistas famosos (marcas) no universo da moda internacional e do contexto contemporâneo, até mesmo com objetos de estilistas do cenário Português. Ou seja, objetos indissociáveis do sistema de moda¹⁰. Além disso, esse "abandono" e visão macro por uma etnografia do objeto desconectada do seu contexto mercadológico ou de distinção (Bourdieu 1979), mas com o objetivo de não limitar a missão do museu a uma narrativa segmentada por uma "Alta Cultura" (Bourdieu 1974),

¹⁰ Isso é de fácil verificação, já na ficha de inventário do MatrizNet, Paco Rabanne é um ícone da moda dos anos 60/70, ou mesmo, na exposição permanente, na última sala do percurso narrativo encontra-se Gucci a Nuno Gama.

traz a perda de estratégias mais agressivas de comunhão com o sistema industrial Português. E, conseqüentemente, com a comunidade que atua na renovação do roteiro narrativo na produção atual dos objetos indumentários. Com estratégias éticas e transparentes, como já faz parte de sua atuação, a instituição poderia aumentar suas possibilidades de parcerias e conexões. O que poderia ser a inversão de audiências para comunidades (agentes ativos), o que, segundo Karp (1992), seria a melhor maneira de pensar a relação entre o público e o museu.

Por fim, retomando o *website*, no último item do menu, Loja, é interessante verificar que, apesar da diversidade que o catálogo do IMC apresenta, não há uma única peça à venda que tenha sua origem conceitual em algum objeto do Museu Nacional do Traje. E ainda, verificando *in loco*, percebe-se a pouca exploração feita desse recurso comercial, pois há pouquíssimos objetos relativos ao vestuário para a venda, uma ínfima bibliografia específica e uma opção mínima de objetos de lembrança – alguns poucos para criança – ou mesmo, somente com a temática de outras instituições. Ou seja, mais uma oportunidade de integração que está a ser pouco explorada, seja pelo museu, para ter peças relativas a sua coleção em diferentes tipologias e utilizações (acessórios, souvenirs, livros) e angariar recursos, seja por parte das comunidades detentoras do “saber fazer”, profissionais e indústrias portuguesas.

4. Considerações Finais

Em contexto de crise há redução de verbas e investimentos, o que acarreta perdas. Mais lastimável que a perda de património é a perda do conhecimento de si e dos saberes para a sua utilização (Norogrande 2011b) na impulsão da renovação e inovação e, também, para a criação de impulsos à economia.

“Em suma, a importância dos museus para o desenvolvimento futuro da sociedade não está apenas em seu papel como repositórios de informação. É também em como eles usam essa informação para criar compreensão, ou, talvez mais significativamente, como eles ajudam seus públicos a explorar os recursos de informação na busca de conhecimento”¹¹ (Macdonald 1992)

A prática de unir diferentes narrativas, conectar diferentes agentes em torno de coleções patrimoniais, e na utilização destas, frente a sociedade civil por meio de suas exposições (em contexto físico ou virtual) não apresenta-se de maneira constante ou totalmente integrada a algumas instituições museológicas.

Já houve ações do MNT para a abertura de associações, tal como amigos do museu, entretanto não foram concretizadas, conforme esclareceu Madalena Braz Teixeira em entrevista (Viana 2008/2009). Todavia, da mesma maneira que as atuações da instituição para com a abrangência de comunidades atuantes são tímidas, também ressalta-se o outro lado dessa relação: investigadores, instituições de ensino e indústrias Portuguesas fazem pouco uso do patrimônio, seja pelo sistema instalado, pela cultura de que os “museus estão em espaço e tempos limiares” (Bouquet and Porto 2005), ou pela falta de projetos em conjunto¹².

Acredita-se que somente desta forma a missão do museu de promover a investigação, a conservação e divulgação de peças do acervo, de maneira imperativa (a ter em conta o verbo utilizado em sua missão) é efetivamente possível, pois do contrário é audaciosa ou insustentável pelo motivo dos limitados recursos financeiros e humanos em que o museu se encontra, principalmente com a total dissolução da equipe de restauro têxtil em Janeiro de 2011 (Norogrande, 2011b). Além dos reduzidos projetos em parceria com outras instituições e uma logística a promover esse tipo de associação. É importante ressaltar que em 2011

¹¹ “In sum, the importance of museums to the future development of society lies not merely in their role as repositories of information. It is also in how they *use* that information to create understanding; or, perhaps more significantly, how they help their audiences to exploit the information resources in the quest for knowledge” (Macdonald 1992, 164).

¹² O que é diferente em outras realidades, tal como museus geridos em instituições de ensino: Museum at FIT (EUA) e o MoMU (Bélgica), ou outros como o V&AM (RU), Museo de la Moda (Chile), MT-CIPE (ES) para citar alguns, nem todos em exploração máxima.

a Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT), órgão do Governo Português, em seu programa de bolsas de doutoramento fez uma inclusão temática dedicada exclusivamente a investigações acolhidas por uma instituição de ensino e também por uma instituição museológica portuguesa. Isso promove efetivamente a investigação de acervos, processos e atividades ou resolução de posicionamentos institucionais, entre outras linhas possíveis de investigação.

Um museu requer, cada vez mais, uma diversidade de abordagens na sua atuação e somente uma comunhão multidisciplinar é possível de promover. O design, em suas diferentes atuações, é um importante parceiro, principalmente, quando a coleção patrimonial é parte de sua história. Ou ainda, o caso do design de moda que em seu sistema de atuação trabalha de maneira muito constante com a reinterpretação de seu passado ou a inovação por técnicas conhecidas.

Conclui-se que as exposições do acervo patrimonial do Museu Nacional do Traje podem ser amplamente potencializadas e que há ainda um longo caminho para a efetivação de projetos e concreta implementação de ferramentas, tal como o MatrizNet e suas possíveis ramificações. A utilização deste e do *website* do MNT de maneira abrangente pode possibilitar recursos e narrativas não permitidas no espaço presencial do museu, dado investimentos ou situações específicas.

O contato que o público em geral, e por vezes específico, tem com o patrimônio é muitas vezes reduzido ao momento expositivo, ampliar as referências cognitivas, as possibilidades de contato com os objetos e saberes da cultura material indumentária é um ganho para a comunidade científica, profissional e conseqüentemente para a população portuguesa, a formar um ciclo de conhecimento e consagração.

Referências

- Anderson, Fiona. 2000. Museum as Fashion Media. In *Fashion Cultures: Theories, Explorations and Analysis*, edited by S. Bruzzi and P. C. Gibson. New York, Oxon: Routledge. 371-389.
- Bouquet, Mary, and Nuno Porto. 2005. *Science, Magic and Religion: The Ritual Processes of Museum Magic*. Vol. 23, *New Directions in Anthropology*. New York, Oxford: Berghahn Books.
- Bourdieu, Pierre. 1974. Alta Costura e Alta Cultura. [Disponível em: <http://www.mom.arg.ufmg.br/babel/textos/bourdieu-alta-costura.pdf>] acesso em 24/01/2011].
- Bourdieu, Pierre. 1979. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Chagas, Mário. 2009. O pai de Macunaíma e o patrimônio espiritual. In *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, edited by R. Abreu and M. Chagas. Rio de Janeiro: Lamparina. 97-111.
- Frisa, M. L. 2008. The curator's risk. *Fashion Theory-the Journal of Dress Body & Culture* 12 (2):171-180.
- Greenberg, Reesa, Bruce W. Ferguson, and Sandy Nairne. 1996. *Thinking About Exhibitions*. London, New York: Routledge.
- Karp, Ivan. 1992. Introduction: Museums and Communities: The Politics of Public Culture. In *Museums and communities: the politics of public culture*, edited by I. Karp, C. M. Kreamer and S. D. Lavine. Washington, London: Smithsonian Institution Press. 1-17.
- Macdonald, George F. 1992. Change and challenge: Museums in the Information Society. In *Museums and communities: the politics of public culture*, edited by I. Karp, C. M. Kreamer and S. D. Lavine. Washington, London: Smithsonian Institution Press. 158-181.
- Norogrande, Rafaela. 2011. Como é formado o patrimônio cultural. Estudo museológico em Portugal na temática Traje/Moda, Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Norogrande, Rafaela. 2011. A Pesquisa de Moda e o Patrimônio Português. Perdas do Museu Nacional do Traje a infringir restrições para futuras narrativas e pesquisas. In *IV CIPED* -. Lisboa.
- Palmer, Alexandra. 2008. Untouchable: Creating desire and Knowledge in Museum Costume and Textile Exhibitions. *Fashion Theory* 12 (1):31-64.
- Parezo, N. J. 2007. The Indian fashion show: Manipulating representations of native attire in museum exhibits to fight stereotypes in 1942 and 1998. *American Indian Culture and Research Journal* 31 (3):5-48.
- Piacente, Maria. 1996. *Surf's Up: Museums and the World Wide Web*, University of Toronto, Toronto.
- Santaella, Lucia. 2007. *Semiótica aplicada*. 3ª ed. São Paulo: Thompson Learning.

- Semedo, Alice. 2009. Práticas (i)materiais em museus. In *I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*. [Disponível em «<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8109.pdf>» Acesso em 16/08/2011].
- Viana, Fausto Roberto Poço. 2008/2009. Antes que não haja mais pano para manga. Relatório das atividades desenvolvidas em estágio no exterior, realizado no Instituto dos Museus e da Conservação de Portugal. Base do trabalho: Museu Nacional do Traje, em Lisboa. [Disponível em «<http://tramasdocafecomleite.files.wordpress.com/2009/06/antes-parte-01.pdf>» Acesso em 18/10/2010]. In *Tramas do Café com Leite*.